

A memória de Riobaldo: a *mimesis* do lembrar-esquecer em *Grande sertão: veredas*

Cláudia Ayumi Enabe

Doutoranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura

Brasileira

(FFLCH/USP)

E-mail: claudia.enabe@alumni.usp.br

O romance de João Guimarães Rosa, *Grande sertão: veredas* (1956), estrutura o seu discurso a partir da *mimesis* da atividade rememorativa a que se dedica a velhice, para quem a transmissão da memória remete à sobrevivência de tempos, de lugares e de modos de vida, talvez em vias de se extinção. Parece ser o pressentimento desse ocaso que conduz a evocação do narrador-memorialista, como se ao fundo se afinasse um tom elegíaco, com o fim do povo e de suas crenças. A destituição dessa cultura rompe a fala riobaldiana em um avesso de linguagem no qual uma *poética* de inspiração popular não pode ser incorporada sem impasse. A estrutura híbrida da “estória” permite entrever a incorporação de formas provenientes da cultura popular, as chamadas *formas simples*, nos enunciados do narrador, configurando um cruzamento de temporalidades. Com isto, a narração de Riobaldo se constituiria uma procura por recuperar um sertão que depende de um modo de expressão lendário para ser representado como fonte das experiências decisivas que conduzem o destino do jagunço ao pacto demoníaco. Por essa perspectiva, o romance de João Guimarães Rosa se formaria como um exercício de memória, à medida que o relato do narrador-protagonista se constitui pela rememoração dos caminhos percorridos em sua vida para, ao fim da conversa, “armar o ponto dum fato, para depois lhe pedir um conselho” (Rosa, 2019, p. 159). A velhice desponta como um estágio em que o narrar, exercido como um trabalho de rememoração, passa a ser prática vital. Quando se atinge o instante em que o ato e a reflexão compõem o mesmo movimento, o narrador-protagonista converte-se em narrador-memorialista, processo que não se restringe à narrativa de ficção, mas que atende à “musa épica” (Benjamin, 1985, p. 211) chamada reminiscência. A narração, como tarefa de Penélope, exige tanto a construção quanto a dissolução, em uma escritura infinita formulada a partir de diferentes configurações simbólicas.